

RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA: CARACTERÍSTICAS DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA CORRIDA DE AVENTURA¹

Fabiana Duarte e Silva,

Prefeitura de Juiz de Fora (PJF)

Bruna Silveira Chaves

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Ludmila Mourão

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

RESUMO

Este artigo investigou a trajetória esportiva da equipe de corrida de aventura (CA) Atenah, formada exclusivamente por mulheres. A CA é uma competição multiesportiva, sem paradas e de longa duração. A pesquisa consistiu em entrevista semiestruturada. Além das adversidades inerentes do próprio esporte de aventura, as atletas passaram por desafios de gênero pelo fato de formarem uma equipe só de mulheres. Ainda assim tiveram uma carreira de sucesso, a qual pode estar relacionada à resiliência.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes; Mulheres; Estudos de Gênero; Resiliência.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de mestrado que investigou a trajetória esportiva das atletas integrantes da Equipe Atenah, única equipe de Corrida de Aventura formada exclusivamente por mulheres (SILVA, 2018). Este estudo se insere na categoria dos estudos feministas e de gênero, os quais questionam a universalização da categoria “mulher”, ou seja, derrubam a normatização de comportamentos, destacando as pluralidades de vivenciarmos masculinidades e feminilidades (GOELLNER, 2013).

A Corrida de Aventura (CA) é uma competição em que participam equipes formadas, obrigatoriamente, por mulheres e homens, com o objetivo de percorrer longas distâncias em diferentes modalidades esportivas tal como *mountain biking*, *trekking*, canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica, no menor tempo possível.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Algumas mulheres enfrentam barreiras sociais e de tempo quando afastam-se, mesmo que temporariamente, das atividades cotidianas e preocupações domésticas para engajar-se em atividades de aventura na natureza. Segundo Mourão (2000), as mulheres sofrem com avaliações negativas dependendo da preferência do esporte.

Estudos encontraram que mulheres praticantes de esportes de aventura sofrem preconceitos pelos próprios praticantes ou são desvalorizadas e marginalizadas (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012; ATENCIO; BEAL; WILSON, 2009; SCHWARTZ *et al*, 2013). Portanto é relevante destacar a importância da Atenah, a qual, ao quebrar o ciclo vicioso, subverte a ordem, concebendo uma equipe de CA exclusivamente composta por mulheres (SILVA *et al*, 2020). Isto posto, diante de tantos entraves encontrados pelas mulheres nos esportes de aventura, ainda assim, muitas seguem engajadas em suas trajetórias esportivas. Qual característica as difere das mulheres que, simplesmente, optam pelo abandono do esporte ou por práticas esportivas mais consagradas no universo feminino?

METODOLOGIA

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, elaborada sob os preceitos da história oral temática (MEIHY, 1994). As entrevistas foram realizadas com cinco mulheres integrantes da equipe Atenah, identificadas por números, que competiram em nível nacional e internacional.

As entrevistas foram realizadas por meio de chamada de vídeo no WhatsApp e transcritas de acordo com o Manual Básico do Centro de Memória do Esporte (GOELLNER, 2012) e analisadas a partir dos preceitos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2008).

DIFICULDADES NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA E RESILIÊNCIA

Quando questionadas sobre as dificuldades enfrentadas na trajetória esportiva, algumas atletas mencionaram resiliência, como na fala da atleta 5: “[...] A gente aprendeu na prática. Em vários casos a gente sofreu pra caramba e as meninas foram super resilientes e [...] assim, aprendi que a sua cabeça tem que estar cem por cento naquele negócio, comprometida em todo momento, no nível mais alto”.

De acordo com Borges e colaboradores (2006), o conceito de Resiliência tem sido usado recentemente nas ciências sociais em interface com a Psicologia e a Sociologia. Está

relacionado à ideia de superação, resistência às adversidades e, conseqüentemente, crescimento pessoal. Yunes e Szymanski (2001) criticam a visão predominante que enfoca características e variações individuais, como se tal qualidade não pudesse ser adquirida ao longo da trajetória do indivíduo. Segundo as autoras, a ação ambiental é fundamental para o desenvolvimento de atitudes resilientes. No âmbito esportivo, algumas pesquisas apontam que a resiliência tem correlação positiva com o bom desempenho e bem estar psicológico em atletas (HOSSEINIA; BESHARATA, 2010; BICALHO *et al*, 2020).

Quando questionadas se sofreram preconceitos pelo fato de a equipe ser formada exclusivamente por mulheres, a maioria das atletas relatou que não perceberam preconceito direto, exceto no início, como na fala da atleta 2: “Ah, no começo tinha um pouco, de “ah, é mulher” [...] quando nós formamos a Atenah as equipes de apoio durante a prova faziam apostas pra quando a nossa equipe ia desistir. A atleta 1 também relatou que no início da carreira, houve reações preconceituosas de outros atletas: “Teve uma corrida que a gente ganhou e aí rolou uma mentirada, a galera começou a dizer que a gente estava pagando pra alguém mostrar caminho. Teve uma vez que a gente ganhou de todas as equipes, só com uma mulher [...] a galera saiu matando, assim, os atletas mesmo, dizendo que a gente estava roubando”. Já a atleta 4, denominou reações semelhantes como “inveja”: “Acho que existia um pouco de inveja porque a gente conseguiu juntar quatro atletas fortes [...] então isso era uma sacanagem pra eles [...] Pra gente era uma coisa muito natural”.

Nas narrativas é possível perceber o preconceito existente, mas também é possível notar a ponderação com que as atletas relatam os fatos em seus discursos. Em outro trecho da entrevista da atleta 5, é possível observar a tentativa de ocultar ou invisibilizar a vitória da equipe em uma competição na Croácia: “Essa prova, na verdade a gente chegou em terceiro lugar, mas eles arrumaram um jeito de dar uma zona lá nos resultados e colocar a gente em quarto, pra não pagar premiação [...]”. Questionada pela pesquisadora se acreditava que essa manobra ocorreu pelo fato de ser uma equipe de mulheres, a atleta respondeu: “Não... Ele deu a inscrição pra gente então eu acho que ele queria premiar em dinheiro quem havia pagado pra fazer a prova, sabe? [...] Mas foi fantástica a experiência. Percebe-se no discurso da atleta que ela relativiza ou minimiza a atitude preconceituosa do organizador da competição.

Segundo Kay e Laberge (2004), a CA constitui um sistema simbólico de classificação social, servindo como instrumento de dominação, legitimando a hierarquização social e estimulando, como explica Bourdieu, os dominados a “jogarem o jogo”, ou seja, aceitarem as hierarquias existentes no campo.

Quando questionadas sobre como as pessoas viam a participação delas nesse esporte, a maioria respondeu que era visto com estranheza pela maior parte das pessoas, como a atleta 1 e 2, respectivamente: “Ah, eu sempre fui considerada louca da turma né, na escola, na faculdade [...]”. “Olha, todos achavam que eu era maluca [risos], louca de pedra: “O quê que cê tá fazendo? O que é isso? Vai ficar sem dormir? Ficar no meio do mato, perdida? Você é louca!” [risos].

Essa reação à transgressão das atletas reforça a norma da natureza selvagem como um lugar inapropriado para as mulheres, ou seja, como território masculino, onde as mulheres estão “fora de lugar” (HUMBERSTONE, 2007). Parece que as reações de estranheza não significaram dificuldades na inserção das atletas na CA, sendo encaradas com bom humor pelas mesmas. A prática esportiva, especialmente ao ar livre, pode estar relacionada ao desenvolvimento de habilidades associadas à resiliência, como autopercepção e melhor relacionamento interpessoal (ALLAN; MCKENNA, 2019).

Ademais, é importante destacar a importância do incentivo familiar na prática esportiva das atletas entrevistadas. Ao serem questionadas sobre quem as incentivou às práticas esportivas, todas mencionaram incentivo de familiares, principalmente pai e mãe.

Outras dificuldades além das enfrentadas durante as provas, foram relatadas pelas atletas, no âmbito da vida social como, por exemplo, a conciliação da carreira de atleta com a vida pessoal e profissional. A rotina intensa de treinos e as constantes viagens para o exterior impediram algumas atletas de dedicarem-se ao trabalho ou ao estudo durante o período competitivo. Sobre a vida afetiva as atletas relatam que era difícil namorar sério, e que davam preferência ao esporte. Mesmo diante de tantos entraves, a equipe Atenah trilhou uma brilhante trajetória na CA, possivelmente, entre outros aspectos, pela resiliência dessas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Atenah foi uma equipe que desafiou e rompeu com a norma da CA, formada por mulheres ousadas, trouxe à baila os limites demarcados entre masculinidades e feminilidades,



bem como borrou a delimitação da natureza como espaço masculino. Apesar das dificuldades e preconceitos as atletas apresentaram motivação e dedicação ao longo da trajetória esportiva, o que pode configurar um perfil de resiliência. A resiliência é construída por diferentes elementos ao longo da vida. Fatores ambientais e até mesmo as crenças pessoais podem estar diretamente relacionados aos comportamentos resilientes. A educação familiar no esporte pode ter ajudado a construí-las mulheres mais seguras, mais donas de si, de seus corpos.

De acordo com outros estudos, o incentivo e aceitação da família contribui para a formação da “autoestima e autoeficácia” de crianças e adolescentes, o que pode resultar em um traço pessoal resiliente. Porém acreditamos na necessidade de mais estudos que investiguem tais características em mulheres atletas no campo dos esportes culturalmente dominados por homens.

RESISTANCE AND RESILIENCE: CHARACTERISTICS OF WOMEN'S PARTICIPATION IN THE ADVENTURE RACE

ABSTRACT

This article investigated the sporting trajectory of the Atenah Adventure Racing (AR) team, made up exclusively of women. AR is a multi-sport, non-stop and long-lasting competition. The research consisted of a semi-structured interview. In addition to the inherent adversities of the adventure sport itself, the athletes faced gender challenges due to the fact that they form an all-female team. Yet they had a successful career, which may be related to resilience.

KEYWORDS: Sports; Woman; Gender studies; Resilience.

RESISTENCIA Y RESILIENCIA: CARACTERÍSTICAS DE LA PARTICIPACIÓN DE LAS MUJERES EN LA CARRERA DE AVENTURA

RESUMEN

Este artículo investigó la trayectoria deportiva del equipo Atenah Carrera de Aventura (CA), formado exclusivamente por mujeres. CA es una competición polideportiva, ininterrumpida y duradera. La investigación consistió en una entrevista semiestructurada. Además de las adversidades inherentes al deporte de aventura en sí, los atletas enfrentaron desafíos de género debido al hecho de que forman un equipo exclusivamente femenino. Sin embargo, tuvieron una carrera exitosa, que puede estar relacionada con la resiliencia.

PALABRAS CLAVES: Deportes; Mujeres; Estudios de Género; Resiliencia.



REFERÊNCIAS

ALLAN, J.F.; MCKENNA, J. Outdoor Adventure Builds Resilient Learners for Higher Education: A Quantitative Analysis of the Active Components of Positive Change. **Sports**, v. 7, p. 122-139, 2019.

ATENCIO, M; BEAL, B; WILSON, C. The distinction of risk: urban skateboarding, street habitus and the construction of hierarchical gender relations. **Qualitative Research in Sport and Exercise**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2008.

BICALHO, C.C.F.; MELO, G.F.; NOCE, F. Resilience of athletes: a systematic review based on a citation network analysis. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 20, n. 3, p. 26-40, 2020.

BORGES, C. N. F. *et al.* Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 105-131, jan./abr. 2006.

BOURDIEU, P. (1930-2002). **O Poder Simbólico**/ Pierre Bourdieu. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FIGUEIRA, M. L. M., GOELLNER, S. V. O Skate feminino no Brasil: Estratégias de se fazer ver. In: BRANDÃO, L., HONORATO, T. (Org.). **Skate e Skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. In: DORNELLES, P.G.; WERNETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação Física e Gênero: Desafios educacionais**. Ijuí: Editora Unijuí, 2013. p. 23-43

_____. Projeto Garimpando Memórias: **Manual Básico do Centro de Memória do Esporte**. Porto Alegre, 2012.

HOSSEINIA, S. A.; BESHARATA, M. A. Relation of resilience whit sport achievement and mental health in a sample of athletes. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v. 5, p.633–638, mar. 2010.

HUMBERSTONE, B. ‘Transgressões de gênero e naturezas contestadas’. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 21-38, 2007.

KAY, J.; LABERGE, S. ‘Mandatory equipment’. Women in adventure racing. In: WHEATON, B. **Understanding lifestyle sports**. Consumption, identity and difference. London: Routledge, 2004. p.154-174.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo História Oral e memória. **Cadernos CERU**, n. 5, s. 2, p. 2-60, 1994.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000/2.

SCHWARTZ, *et al.* Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade**, Vila Real, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

SILVA, F. D. **Memórias de Atenah**: trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado profissional) – Faculdade de Educação Física, programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFJF, UFV, Juiz de Fora, 2018.

SILVA *et al.* Memórias de Atenah: trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura. **Movimento**, v. 26, p. e26076, jan./dez. 2020.

YUNES. M. A. M. & SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In Tavares J. (org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

